



## Tradução intersemiótica e transcrição: uma análise da audiodescrição de uma história em quadrinhos

### Quadrinhos e Audiodescrição

**Anderson Tavares Correia**

Mestrando em Estudos da Tradução (UnB)

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Soraya Ferreira Alves**

Professora Adjunta da Universidade de Brasília

Dep. de Línguas Estrangeiras e Tradução (UnB)

### A Transcrição de Haroldo de Campos

Segundo Haroldo de Campos, a tradução não é meramente um transporte do texto de um idioma para o outro. Os elementos que fazem parte da estrutura do texto não podem ser dissociados dos significados das palavras. A tradução é também recriação do texto, quando restitui sua estrutura em outro idioma ou linguagem. “Numa tradução dessa natureza [transcrição], não se traduz apenas o significado, traduz-se o próprio signo, sua fisicalidade, sua materialidade mesma” (CAMPOS, 2010, p. 35).

Quando uma obra (poema, romance, filme, HQ) é criada, as palavras são um entre diversos elementos agrupados em determinada forma. Conteúdo e forma, por assim dizer, são parte integrantes da obra. Ao audiodescrevê-la, o tradutor não poderá então deter-se aos conteúdos, reorganizados de acordo com uma diretriz rígida, que desconsidera a forma utilizada em sua criação. Por vezes, determinados elementos imagéticos podem parecer intraduzíveis em palavras, e é neste momento que nos socorre a teoria haroldiana: “Admitida a tese da impossibilidade em princípio da tradução de textos criativos, parecidos que esta engendra o corolário da possibilidade, também em princípio, da recriação desses textos” (CAMPOS, 2010, p. 34).

Ao traduzir a letra e a informação estética, ou seja, a maneira como todos os signos estão organizados na construção do conteúdo semântico da obra, o tradutor cria uma nova informação estética, mas ambas – original e tradução – estarão ligadas entre si por uma relação de paramorfismo.

Ao criar uma história em quadrinhos (HQ), o artista tem um objetivo impossível: quer exprimir o inexprimível, e para isso vale-se de um sistema próprio de organização de seus signos, contendo sequencialidade, linguagem e estética próprias. Os quadros, a sequencialidade, os balões para diálogos, os elementos imagéticos que dão dinâmica ao que é estático, as palavras justapostas, sujeitam-se um ao outro, resultando na obra do artista. Essa arte é essencialmente visual e, supostamente, inacessível às pessoas que não enxergam. Felizmente tal suposição é abatida por meio da técnica da tradução visual.

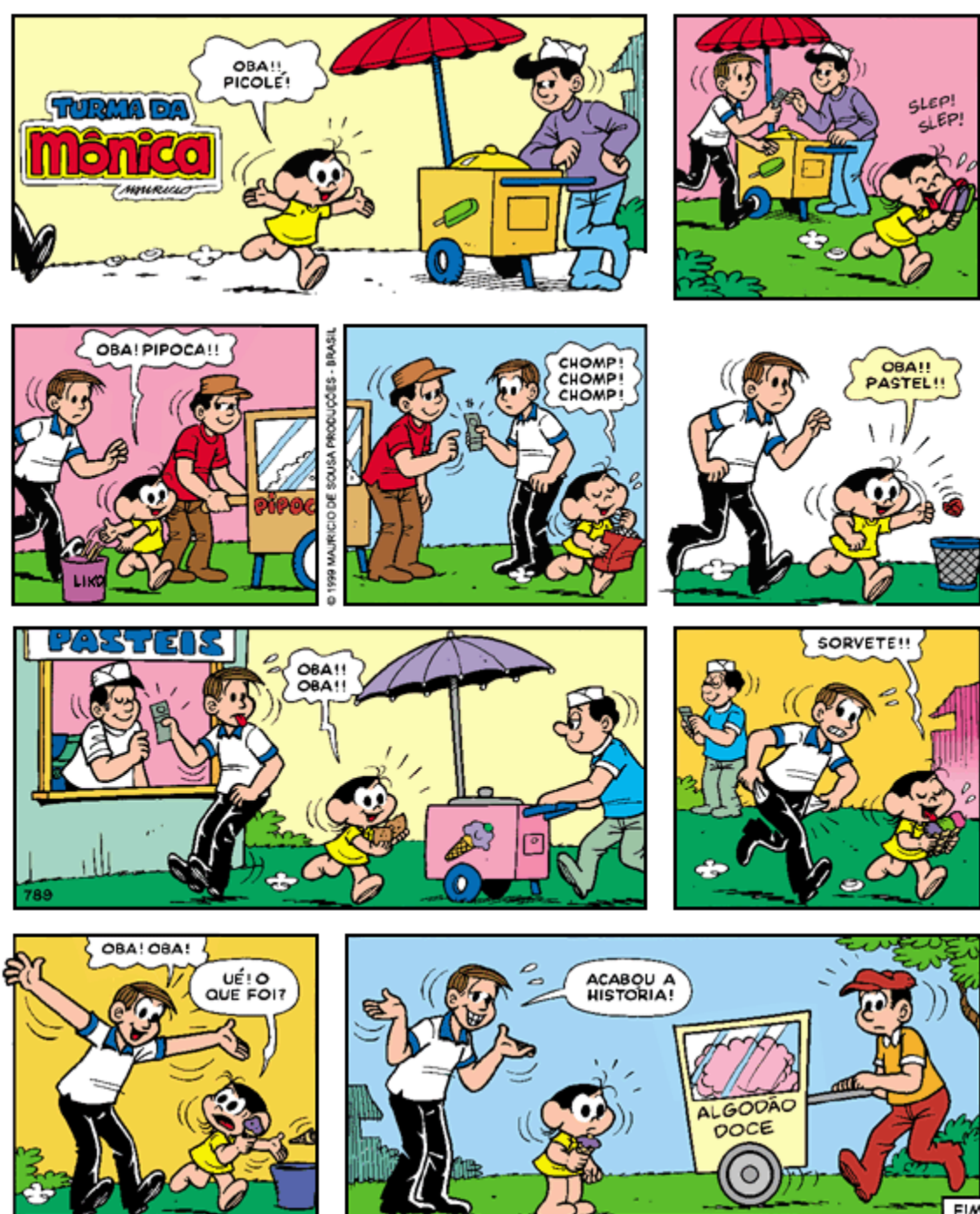
### A Nota Técnica 21 do MEC (2012)

Propõe-se a elencar requisitos para a descrição de imagem na geração de material acessível (Mecdaisy). Não se apresenta como diretriz para a produção da AD, mas utiliza-se de conceitos bases da AD.

Para apresentar a descrição de uma HQ, a Nota introduz um texto descritivo geral, apresentando a quantidade de quadros, as personagens, e um elemento da linguagem das HQs: “As falas dela e do pai aparecem dentro de balões” (p. 7). A seguir, faz a AD dos 9 quadros. Nota-se uma grande preocupação em trazer informações sobre detalhes das imagens, mas que não contribuem diretamente para a compreensão da história, como: “segurando um saquinho vermelho”. Outra estratégia utilizada na descrição é o uso de frases longas para descrever elementos muito simples. No quadro Q2, é usada a frase: “e acima de sua cabeça o barulho das lambidas: Slep, slep”. Já havia sido dito, na apresentação, que as falas estariam nos balões.

Uma das características da HQ é a velocidade da sua leitura. Quando uma pessoa enxergante aprecia uma HQ, pode adotar diferentes métodos de leitura, podendo explorar com calma todos os detalhes visuais ou deter-se às palavras e passar rápido pelas imagens, sem prender-se aos detalhes. O público cego, por sua vez, estará sujeito à forma como foi escrita a audiodescrição. Ao elaborar uma tradução demasiadamente detalhada, o audiodescritor consegue levar uma infinidade de imagens, mas, em contrapartida, leva o leitor a investir muito tempo para contemplar a obra.

### Uma proposta alternativa de Audiodescrição



História em quadrinhos da Turma da Mônica, de Maurício de Sousa, com a personagem Magali, dividida em 9 quadrinhos. Ela é uma menina branca, tem os olhos grandes e cabelos curtos, pretos; usa vestidinho amarelo e os pés descalços. Ela está acompanhada do pai, seu Carlos Paulo, também conhecido como Carlito, um homem branco, alto, magro, que usa camisa branca e azul, calça preta e sapatos pretos. As falas dela e do pai aparecem dentro de balões.

Q1: Magali sorri e corre de braços abertos na direção de um vendedor de picolés, e diz: OBA!! PICOLÉ!

Q2: Magali caminha lambendo vários picolés: Slep! Slep! Mais atrás vem seu pai Carlito, espantado, que paga ao vendedor.

Q3: Magali joga os palitos dos picolés no lixo e segue animada em direção a um sorridente vendedor: OBA! PIPOCA! O pai a segue, apreensivo.

Q4: Magali caminha segurando um grande saco de pipocas. Ela mastiga: CHOMP! CHOMP! CHOMP! Atrás dela está Carlito, com os olhos arregalados, pagando ao pipoqueiro.

Q5: Magali joga o saco de pipocas no lixo e exclama: OBA!! PASTEL! Assustado, o pai segue a filha.

Q6: Na frente da pastelaria, com um pastel em cada mão, Magali corre na direção de um carrinho de sorvetes: OBA!! OBA!! Carlito paga ao pasteleiro enquanto espia a filha, abismado.

Q7: O sorveteiro conta o dinheiro do pai de Magali e ele, espantado, tateia seus bolsos vazios. Ela caminha tomando vários sorvetes.

Q8: Com os braços abertos, Carlito exclama: OBA! OBA! Boquiaberta, Magali encara o pai e pergunta: UÉ! O QUE FOI?

Q9: Satisfeito e risonho, Carlito responde: ACABOU A HISTÓRIA! Magali para e observa um vendedor de algodão doce se aproximar.

### A Transcrição na Audiodescrição

Diante do desafio de traduzir a forma da história em quadrinhos, a estratégia utilizada foi focar na escolha de verbos e adjetivos que tornassem a descrição mais vívida. A fim de evitar a repetição da expressão “o pai de Magali”, foi utilizado seu nome, Carlito. Suprimimos alguns detalhes e procuramos usar frases curtas, evitando assim produzir um texto muito grande para uma historinha tão pequena.

Audiodescrever uma HQ para o público cego e provocar nele a mesma emoção que o público enxergante sente é uma tarefa complexa e instigante. Além de imagem e texto, há que se transmitir ainda a estética de uma obra de arte, que enquanto tal é capaz de despertar sentimentos diversos no expectador. Diante de supostas impossibilidades, a Transcrição de Haroldo de Campos nos inspira um novo caminho, um novo projeto estético que permitiria à audiodescrição ampliar a forma. “Ao recriar, o tradutor se investe na função de autor e, embora tenha em mãos uma partitura e a ela deva ser fiel, interpreta-a como um novo criador, em pleno exercício de seus instrumentos sincrônicos”. (AMARAL, 2013, p. 265-266)

A tradução alternativa apresentada conseguiu reduzir de 478 para 267 palavras utilizadas. Utilizou-se de verbos e adjetivos que deram mais vida à obra, seja para o pai, geralmente assustado, seja para a menina, eufórica. Dessa forma, espera-se que o espectador se encante com uma obra leve, curta e divertida.